

Restauração salva igreja de

jesuítas e índios

Belo Horizonte/Fotos de Waldemar

Juarez Porto

Porto Alegre — Depois de quase quatro anos de trabalhos e pesquisas, está praticamente concluída a restauração das ruínas da igreja de São Miguel, construída em 1729 pelos missionários jesuítas e índios guaranis, numa das mais importantes experiências de aculturação realizadas no Ocidente. A igreja estava ameaçada de desabar — principalmente a fachada e a torre — e recebeu injeções de concreto e reforço da estrutura com verdadeira malha de ferro.

— Foi um trabalho difícil, porque qualquer deslize poderia causar danos irreparáveis — comentou o arquiteto paulista Odair Carlos de Almeida, da Fundação Nacional Pró-Memória, que coordenou a recuperação do monumento. Ele considera que apenas parte da obra está concluída: “Ainda temos muito a fazer em pesquisas arqueológicas, até descobrirmos toda a extensão desta fascinante atuação dos jesuítas junto aos índios”.

Túneis sob a nave

Há cerca de dois anos, a missão de São Miguel, no atual município de Santo Ângelo, a 459 quilômetros de Porto Alegre, foi declarada pela Unesco patrimônio da humanidade pelo pioneirismo, pela originalidade e pelo desenvolvimento cultural e econômico obtido pelos padres jesuítas. A partir de então, técnicos e arqueólogos brasileiros e italianos — com experiência de recuperação de monumentos romanos — iniciaram a restauração.

Boa parte da estrutura já estava muito comprometida pelos sucessivos saques (a igreja foi incendiada quando tropas portuguesas e espanholas atacaram as missões, expulsando os jesuítas e massacrando os índios) e pelos caçadores de tesouros à procura de uma suposta fortuna em ouro e prata escondida pelos padres antes da destruição da missão. “Encontramos uma rede de túneis sob a nave, alguns com até 100 metros de extensão, feitos pelos caçadores de tesouro”, conta Odair Carlos de Almeida.

As escavações no subsolo abalaram a estrutura da igreja. “A torre estava muito danificada, porque, segundo a lenda ali estava o tesouro dos jesuítas”, diz o arquiteto. Trinta operários trabalharam na recuperação do templo substituindo pedras atacadas por fungos ou desgastadas, que desestabilizavam o monumento. As fendas foram preenchidas com uma liga de areia, cimento e barro, semelhante à utilizada na construção original.

Dentro de dois meses serão reiniciadas as escavações na frente e nas áreas laterais da igreja, onde há vestígios de antigas construções. No lado oeste da antiga cidade — nela viveram uns 8 mil índios — foram localizados restos da “casa das viúvas”, espécie de albergue em que eram recolhidas as mulheres de guerreiros mortos. Alios guaranis dedicavam-se ao artesanato e aos afazeres domésticos.

Também serão escavados o local do colégio e das oficinas onde eram formados artífices, que, depois, eram encaminhados às demais missões. As imagens esculpidas pelos índios já foram restauradas. Quase toda a missão, hoje, está encoberta por camadas de terra, que variam de 30 centímetros a 1 metro. “Não sabemos ainda o que se vai encontrar, mas creio que estão soterrados restos de cerâmica, utensílios domésticos e ferramentas”, prevê Odair.

Recentemente, um grupo de alunos de arqueologia da Universidade Federal do estado (UFRGS), sob a orientação do professor Arno Kern, encontrou e estão estudando várias peças na vizinha missão de São Nicolau, muito mais danificada do que a de São Miguel. Por quase dois séculos, as sete missões situadas em território gaúcho — São Miguel, São João, São Borja, São Nicolau, São Luiz, São Lourenço e Santo Ângelo — Foram destruídas, primeiro pelas tropas que as ocuparam, depois pelos agricultores que se instalaram na região. Em muitas casas ainda se percebem, servindo de alicerces, as pedras talhadas pelos índios.

Missões sonhavam com um estado teocrático

As missões jesuíticas na América do Sul estenderam-se desde o Paraguai, passando pelo nordeste da Argentina, até o Rio Grande do Sul, ocupando um território equivalente ao estado de Goiás. Os religiosos pretendiam obter uma saída para o Oceano Atlântico pela lagoa dos Patos. No início do século XVII, quando se dirigiram para a região, a ocupação do território gaúcho ainda era rarefeita, favorecendo a experiência da igreja, que tentou criar o primeiro estado teocrático da história.

Aparentemente, não foi difícil a catequização dos índios tupis-guaranis que viviam no sul. Ao contrário, os métodos de aculturação dos religiosos agradou às tribos, que passaram a procurar refúgio nas missões, assustados com os freqüentes ataques de espanhóis e portugueses que disputavam a posse da região.

A primeira missão foi São Borja, criada na primeira década do século XVII (a atual igreja da cidade, de péssimo gosto, foi erguida sobre as ruínas do templo jesuíta); dali, os jesuítas, vindos do Peru, via Paraguai, partiam para novas ações. O crescimento dos Sete Povos das Missões — montaram a primeira forjaria e uma das primeiras gráficas do Brasil — provocou a reação de espanhóis e portugueses que dividiam o continente. Durante três décadas, os missionários foram alvo de ataques. Os padres eram contra a guerra, mas os índios repudiaram sua tese pacifista e decidiram empunhar armas. Já na segunda metade do século XVIII, tropas da Espanha e de Portugal uniram-se para o combate final às missões. Na época, a igreja de São Miguel era o maior templo católico do Brasil e um dos mais suntuosos da América do Sul, com imagens esculpidas pelos índios.

Restauração salva igreja
Jornal do Brasil
9 fev. 1986, 1. cad.